



Literatura teológica do Período Intertestamentário: os Livros Deuterocanônicos

Theological literature in the Intertestamental Period: the Deuterocanonical Books

*Nirio de Jesus Moraes**

Recebido em: 13/05/2020. Aceito em: 09/06/2020.

Resumo: *Este artigo trata dos livros deuterocanônicos, que surgiram no Período Intertestamentário, ou seja, o intervalo transcorrido entre o último livro do Antigo Testamento, o do profeta Malaquias, e o primeiro livro do Novo Testamento, o Evangelho segundo Mateus. A Bíblia hebraica não os acolheu, apenas a Septuaginta e a Vulgata, razão pela qual a literatura cristã dos primeiros séculos faz numerosas referências a eles. Tais livros revelam detalhes históricos e aspectos teológicos importantes da época em que foram produzidos. Por conseguinte, os livros deuterocanônicos, objeto deste estudo, devem ser tomados em consideração quando se intenta reconstituir a história de Israel nos séculos que antecederam o nascimento de Jesus.*

Palavras-chave: *Período Intertestamentário. Livros deuterocanônicos. Septuaginta. Vulgata.*

Abstract: *This article deals with the deuterocanonical books, which emerged in the Intertestamental Period. This is the interval between the last book of the Old Testament (Prophet Malachi), and the first book of the New Testament (The Gospel according to St. Matthew). The Hebrew Bible did not include them, only the Septuagint and the Vulgate. For that reason, the Christian literature from the first centuries makes numerous references to them. These books reveal important historical details and theological aspects of the time that they were produced. Therefore, the deuterocanonical books should be taken into account when attempting to reconstruct the history of Israel in the centuries that preceded the birth of Jesus.*

Keywords: *Intertestamental Period. Deuterocanonical books. Septuagint. Vulgate.*

* Mestre em Estudos da Tradução (Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, 2018). Especialização *lato sensu* em Sagrada Escritura (Centro Universitário Claretiano, 2015). Licenciado e Bacharel em Letras – Língua Inglesa (Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, 2014).

E-mail: njmoraes.letas@gmail.com



1 Introdução aos Livros Deuterocanônicos

O conjunto de livros canônicos da Sagrada Escritura divide-se em dois grupos: ‘protocanônicos’ e ‘deuterocanônicos’. Estes últimos, objeto de estudo deste artigo acadêmico, são assim designados porque só depois de longos séculos é que foram aceitos de comum acordo, ao contrário dos primeiros, jamais contestados.¹ Essa distinção, de caráter histórico apenas, não evidencia o menor sinal de inferioridade.

Assim, o substantivo ‘cânôn’, de origem grega (κανών), designava uma cana, uma vara, instrumento que os antigos utilizavam para medir coisas (Ez 40,3).² Hoje tem o sentido de ‘clássico’, e pode ser aplicado a um conjunto específico de obras literárias. Desse modo, o cânôn bíblico é a lista dos escritos sagrados, ‘canônicos’.

Por conseguinte, segundo a terminologia católica, protocanônicos (do grego πρῶτος, ‘primeiro’) são todos os livros que, desde o princípio, foram reconhecidos como Escrituras inspiradas: Gênesis, Rute, Provérbios, Jeremias, Evangelho segundo Lucas, Epístola aos Romanos etc.; e deuterocanônicos (do grego δεύτερος, ‘segundo’) são aqueles livros que, anteriormente rejeitados por alguns, foram reconhecidos igualmente, mas depois de longo tempo, como Escrituras inspiradas: Tobias, Sabedoria, Baruc, Epístola aos Hebreus, Apocalipse de João etc.³

Por outro lado, autores protestantes e judeus classificam os deuterocanônicos entre os apócrifos, escritos que desde o princípio não foram reconhecidos como divinamente inspirados.⁴ Martinho Lutero (1517) se referia a eles da seguinte forma: “Apócrifos, isto é, livros que

¹ FRAGMENTOS dos Evangelhos Apócrifos. Tradução, organização e notas de Lincoln Ramos. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1992. p. 12-13. (Coleção Bíblia Apócrifa, vol. 2).

² CONCISO dicionário bíblico. Por diversos autores norte-americanos e ingleses. Traduzido e ampliado por D. Ana e Dr. S. L. Watson. 12. ed. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1983. p. 25.

³ MORAES, Nirio de Jesus. *A Oração de Manassés: trajetória na cultura judaico-cristã e tradução*. 2014. 45 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Letras) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. p. 11-12.

⁴ A palavra *apócrifo* é de origem grega, ἀπόκρυφος, e significa ‘secreto’, ‘escondido’, e aplica-se aos textos cuja autenticidade não foi comprovada (CONCISO dicionário bíblico, 1983, p. 12-13). São numerosos e geralmente atribuídos a algum personagem bíblico: *Salmos de Salomão, livro de Henoc, Apocalipse de Baruc, Evangelho de Tomé, de Pedro, de Maria Madalena, Atos e Cartas* deste ou daquele apóstolo etc.



não podem ser equiparados às Sagradas Escrituras, mas cuja leitura é boa e proveitosa.”⁵

Mas, ainda que, na Antiguidade, alguns escritores cristãos (por influência do cânon hebreu) os tenham contestado,⁶ referências a essas obras como texto bíblico são numerosas na antiga literatura cristã.⁷ Portanto, o termo ‘apócrifo’ não parece o mais adequado para designá-los, e sim ‘deuterocanônicos’.

Enfim, como este artigo baseia-se apenas nos livros deuterocanônicos do Antigo Testamento, que surgiram no Período Intertestamentário – os 400 anos de ‘silêncio profético’ –, pretende-se atingir o seguinte propósito: relacioná-los ao contexto histórico e geográfico em que surgiram e destacar os principais aspectos de sua mensagem teológica.

2 O Período Intertestamentário: a história entre os dois Testamentos

O intervalo de quatro séculos entre o último livro do Antigo Testamento, o do profeta *Malaquias*, e o primeiro livro do Novo Testamento, o *Evangelho segundo Mateus*, ou seja, o tempo que sucedeu às atividades de Esdras e Neemias em Jerusalém, sob a dominação persa, até o reinado de Herodes, o Grande, na Palestina, sob a dominação romana, é conhecido por ‘Período Intertestamentário’.⁸

2.1 Sob o domínio Persa (538-333 a.C.)

O Império Neobabilônico sucumbiu em 539 a.C., quando Ciro, rei da Pérsia, conquistou a Babilônia, transformando-a em mais uma província do Império Persa. No ano seguinte, Ciro decretou o retorno da

⁵ LUTERO apud ROST, Leonard. *Introdução aos livros apócrifos e pseudoepígrafos do Antigo Testamento e aos manuscritos de Qumran*. Tradução de Mateus Ramalho Rocha. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2004. p. 22. (Nova Coleção Bíblica, vol. 3).

⁶ Cf. JEROME: *Letters and Select Works*. Edited by Philip Schaff and Henry Wace. United States of America: Hendrickson Publishers, 1893/1995. (Nicene and Post-Nicene Fathers, 2nd series, vol. 6).

⁷ Cf. PADRES Apostólicos: Clemente de Roma, Inácio de Antioquia, Policarpo de Esmirna, o Pastor de Hermas, Carta de Barnabé, Pápias de Hierápolis, Didaqué. Tradução de Ivo Storniolo e Euclides M. Balancin. São Paulo: Paulus, 1995. (Coleção Patrística, vol. 1).

⁸ BÍBLIA de Estudo Plenitude. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e Corrigida, edição de 1995. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2001. p. 1568.



comunidade judaica à sua pátria.⁹ Os judeus receberam então a permissão dos governantes persas para reconstruírem o Templo e restaurarem Jerusalém (2Cr 36,22-23). Houve a participação ativa de personalidades como Zorobabel, Josué, Neemias e Esdras, além das admoestações dos profetas Ageu e Zacarias, e, pouco mais tarde, de Malaquias, o último dos profetas clássicos (Esd 3,2; 6,14; Ne 2,17-18; Ml 1,1).

Foi uma época na qual os judeus não tinham mais um rei que os governasse nem independência política. Zorobabel, da dinastia davídica (Mt 1,12), não chegou a reinar. Contudo, os dominadores persas permitiam-lhes observar suas tradições religiosas e preservar sua memória histórica e sua identidade cultural (Esd 1,2-4). Após esse período, a história de Israel não é mais documentada pelas Escrituras hebraicas.

No entanto, os livros deuterocanônicos, notavelmente I e II *Macabeus*, que não eram aceitos pelos judeus da Palestina, e também a obra de Flávio Josefo, historiador judeu¹⁰ (que, depois da Bíblia, é a maior fonte de pesquisa sobre a história israelita), além de outras fontes históricas e arqueológicas, fornecem valiosas informações do Período Intertestamentário.

2.2 Sob o domínio Helenístico (333-63 a.C.)

Em 338 a.C., Filipe, rei da Macedônia, aproveitando-se da situação do território grego, enfraquecido por causa das constantes lutas entre as cidades-estados que o formavam, conseguiu dominar toda a Grécia. No ano de sua morte, 336 a.C., seu filho Alexandre, com apenas vinte anos, subiu ao trono, com o ideal de conquistar o Império Persa, sonho que seu pai não conseguiu realizar.¹¹ A História geral e a Bíblia (1Mc 1,1-4) concordam que:

Depois de ter saído da terra de Cetim, Alexandre, o Macedônio, filho de Filipe, que já tinha dominado a Hélade, venceu Dario, rei dos persas e dos medos, e tornou-se rei em seu lugar. Empreendeu,

⁹ PILETTI, Nelson; PILETTI, Claudino. *História e Vida: da Pré-História à Idade Média*. 19. ed. São Paulo: Ática, 1997. p. 57. (Vol. 3).

¹⁰ É o mais conhecido historiador judeu (37-103 d.C.). Em suas *Antiguidades Judaicas*, de vinte volumes, ele descreve toda a história judaica, desde Adão e Eva até o domínio romano sobre a Judeia. Cf. JOSEFO, Flávio. *História dos hebreus*. Tradução do Pe. Vicente Pedroso. 5. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1956/1999. (Obra completa).

¹¹ PILETTI & PILETTI, 1997, p. 65.



então, numerosas guerras, apoderou-se de fortalezas e eliminou os reis da terra. Avançou até às extremidades do mundo e tomou os despojos de uma multidão de povos, e a terra silenciou diante dele. Assim exaltado, seu coração se elevou. E recrutou um exército sobremaneira poderoso, submetendo províncias, nações e soberanos, que se tornaram seus tributários.¹²

Com as conquistas de Alexandre, o helenismo – conjunto de elementos culturais do mundo grego – começou então a ser difundido por todo o Oriente Médio. O termo se refere à ‘Hélade’, como era conhecida a Grécia Antiga, e os gregos eram chamados de ‘helenos’.¹³ Nesse vasto império, a *koiné*, dialeto grego que significa ‘comum’, tornou-se o meio de comunicação mais popular.¹⁴

Em 323 a.C., Alexandre morreu em Babilônia, consequência de uma febre, aos trinta e dois anos. Seu gigantesco império foi repartido e disputado entre seus oficiais (1Mc 1,5-9). O Egito foi governado pela dinastia dos Lágidas, e a dos Selêucidas governou a Síria. A Judeia foi disputada pelas duas famílias: sob o domínio dos Lágidas, até 200 a.C., e depois, sob o domínio dos Selêucidas, até 142 a.C.¹⁵

Corriam os séculos III e II a.C. Na Palestina, entre tantos conflitos, originavam-se muitos livros (histórias, orações, hinos, profecias), alguns questionados, outros aceitos; escritos que revelam a espiritualidade e o caráter dos grupos religiosos que os produziram.¹⁶ Enquanto isso, em Alexandria, uma notável versão das Escrituras, do hebraico para o grego, foi produzida: a *Septuaginta*.¹⁷ Toda essa atividade literária, juntamente

¹² BÍBLIA de Jerusalém. Tradução do texto em língua portuguesa diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Nova edição, revista e ampliada. p. 719.

¹³ Uma das grandes realizações de Alexandre, no Egito, em 331 a.C., foi a fundação de Alexandria (PILETTI & PILETTI, 1997, p. 59 e 65), cidade que, em breve, se tornaria um dos centros de ciências e artes do mundo antigo.

¹⁴ KASCHEL, Werner; ZIMMER, Rudi. *Dicionário da Bíblia de Almeida*. 2. ed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2005. p. 44.

¹⁵ KEYES, Nelson Beecher. *História ilustrada do mundo bíblico*. Tradução de João Távora. Rio de Janeiro: Seleções do Reader's Digest, 1962. p. 104-109; BÍBLIA de Jerusalém, 2002, p. 2177-2178.

¹⁶ MORAES, 2014, p. 13.

¹⁷ Versão grega das antigas Escrituras hebraicas, produzida em Alexandria, no Egito, entre os séculos III e II a.C. Seus manuscritos mais conhecidos são o *Codex Sinaiticus* (S) e o *Vaticanus* (B), ambos do século IV, e o *Alexandrinus* (A), do século V. Cf. BRENTON, Lancelot Charles Lee. *The Septuagint with Apocrypha* (Greek and English). United States of America: Hendrickson Publishers, 1851/2003.



às perseguições que os judeus sofreram, revela um amadurecimento na espiritualidade judaica, e fornece detalhes importantes do pensamento teológico daquela época.

3 Produção teológica do Período Intertestamentário

Os livros deuterocanônicos, objeto deste estudo histórico-teológico, não foram escritos na ordem em que aparecem nas edições da Bíblia, que os organizam segundo critérios didáticos (Históricos, Sapienciais e Proféticos).¹⁸ Por isso, o passo inicial, antes de procurar compreendê-los melhor, será organizá-los o mais próximo possível de sua data de composição.

3.1 Ester (Grego)

O livro narra a história de Ester, uma jovem judia que se tornou esposa de Assuero,¹⁹ rei da Pérsia. A moça, seguindo os conselhos de seu primo Mardoqueu, que a criou como filha, consegue intervir e frustrar os planos de Hamã, primeiro ministro do rei, que objetivava destruir a nação judaica. Com a vitória, a festa dos *Purim*, isto é, das ‘sortes’, é instituída, e Mardoqueu se torna o primeiro ministro em lugar de Hamã, condenado à morte na forca que mandara construir para Mardoqueu. Todo o enredo se passa na cidade de Susa (capital do império, a leste de Babilônia), e se apresenta em duas versões:

1. O texto hebraico, mais curto, que alguns afirmam ter se originado depois das perseguições de Antíoco Epífanes, que desencadearam a resistência dos judeus (séc. II a.C.), argumento baseado na passagem de Est 3,8, que reflete a intolerância religiosa dos dominadores.²⁰ Contudo, em prol de uma data mais antiga, ainda durante o domínio persa (sécs. IV ou III a.C.), propõe-se os seguintes argumentos: o reinado de Assuero parece um fato não muito distante (Est 1,1-4); o conhecimento que o autor tem dos costumes persas (Est 1,10-11; 6,1; 8,8); o “dia de Mardoqueu” já era conhecido na Palestina em meados do século II a.C. (2Mc 15,36).

¹⁸ Históricos: Tb, Jt, Est^{gr}, 1Mc, 2Mc; *Sapienciais*: Sb, Eclo; Proféticos: Br, Dn^{gr}.

¹⁹ Assuero é a forma latina do nome do rei Xerxes I (486-465 a.C.) (BÍBLIA de Jerusalém, 2002, p. 701; Esd 4,6). A versão grega (LXX) o identifica como Artaxerxes. Houve três reis com esse nome na história persa.

²⁰ BÍBLIA: tradução ecumênica. Edição em língua portuguesa. São Paulo: Loyola, 1994. p. 1343. (Ademais, dos livros da Bíblia hebraica, o de Ester é o único que não foi encontrado em Qumran.)



Além disso, não há referências à Palestina, o que faz pensar que o autor viveu em terra estrangeira.

2. A versão grega, mais longa, produzida em fins século II a.C. ou no início do século subsequente.²¹ É a tradução do original hebraico e apresenta algumas adições, como o sonho de Mardoqueu, sua oração e a de Ester, cartas etc. Era a versão lida pelos judeus de Alexandria e pela Igreja antiga. São Jerônimo, em sua tradução para o latim, dispôs as adições gregas como suplementos (Est 10,4-16,24).²²

Um detalhe curioso do texto hebraico de Ester é que, tal como acontece nos *Cantares de Salomão*, o Deus de Israel não é mencionado, mas o contexto entrevê sua participação oculta na história, quando Ester se torna um instrumento de libertação para a nação judaica (Est 4,14). Já a versão grega do livro emprega termos como ‘Deus, Senhor, nosso Rei, Deus de Abraão, meu Senhor, Rei’ etc.²³

Por fim, a narrativa – tanto a hebraica como a grega – reflete a situação das comunidades judaicas que viviam dispersas mundo afora. Devido a seu modo de viver alheio aos demais povos, sobretudo porque criam em um só Deus, suas tradições conflitavam com as de seus vizinhos, que cultuavam várias divindades, o que ocasionava constantes perseguições.

3.2 Tobias

Esta é uma narrativa sapiencial que conta a história de duas famílias: a de Tobit, um israelita piedoso, exilado em Nínive,²⁴ na Mesopotâmia, com Ana e Tobias (sua esposa e seu filho), e a de Sara, também de Israel, que vive com sua família em Ecbátana, na Média. Certo dia, enquanto Tobit dorme no pátio de casa, cai-lhe excremento de andorinha nos olhos, causando-lhe cegueira; Sara, que é atormentada por Asmodeu, um demônio, ouve insultos de uma serva da família. Ao mesmo tempo, ambos, sofrendo, oram ao Senhor, que envia o arcanjo

²¹ ROST, 2004, p. 83.

²² BÍBLIA Sagrada. Traduzida em português segundo a Vulgata Latina pelo Pe. Antônio Pereira de Figueiredo. Erechim: Edelbra, 1821/1979. p. 419-422.

²³ BRENTON, 1851/2003, p. 650-664.

²⁴ Trata-se da invasão de Salmanasar V, que destruiu Samaria, capital do reino do norte, e deportou os israelitas para a Mesopotâmia (2Rs 18,9-12), em 722 a.C. (KASCHEL; ZIMMER, 2005, p. 141).



Rafael para ajudá-los. Depois, Tobit pede a seu filho Tobias que busque certa quantia em dinheiro depositada na casa de Gabael, em Rages, na Média. Durante a viagem, o jovem é protegido por Rafael, que se apresenta sob a forma humana, com o nome de Azarias. No caminho, às margens do rio Tigre, um enorme peixe tenta devorar Tobias. O anjo aconselha o jovem a capturar o peixe e tirar-lhe o fel, o coração e o fígado: o primeiro para produzir um remédio que cure a cegueira de Tobit; os últimos para afastar o demônio que aflige Sara. Chegando a Ecbátana, Tobias se hospeda em casa de Raguel, pai de Sara, e Azarias segue adiante para buscar o dinheiro. Enquanto isso, Tobias e Sara se casam, e a pedido dos pais da moça demoram-se mais alguns dias. Logo após, o casal, acompanhado pelo anjo, viaja para Nínive. Lá, com o remédio, Tobit recupera a visão. Depois, Azarias revela-se como Rafael, um dos anjos de Deus, e desaparece à vista dos dois, que louvam o Deus de Israel pela libertação.

O livro, que se inspira em modelos bíblicos como Jó e os patriarcas (Gn 12-50), foi escrito em hebraico ou aramaico, talvez no Egito ou na Síria, por volta de 200 a.C.²⁵ O texto original se perdeu; conservaram-se apenas traduções. As mais conhecidas são a latina de São Jerônimo, que utilizou um texto aramaico, e a grega, da Septuaginta.²⁶ Depois, a história de Tobias era popular entre os judeus da Idade Média, embora nunca tenha integrado o cânon hebraico.²⁷ E, além dos judeus de Alexandria, as primeiras comunidades cristãs também a liam: Policarpo de Esmirna, um dos discípulos do apóstolo João, cita uma frase de Tb 4,10, em sua *Carta aos filipenses*: “[...] a esmola liberta da morte.”²⁸

Por outro lado, os pesquisadores acreditam que a história do livro é fictícia, que encerra apenas conteúdo moral, pela forma como o autor expõe alguns dados históricos e geográficos, como a sucessão dos reis

²⁵ Foram descobertos, no sítio arqueológico de Qumran, nas proximidades do Mar Morto, manuscritos desse livro deuterocanônico nos dois idiomas: o hebraico e o aramaico (ROST, 2004, p. 55-56 e 58).

²⁶ Na Vulgata, toda a narrativa se desenvolve na terceira pessoa do discurso, enquanto que na LXX os três primeiros capítulos estão na primeira pessoa, como uma autobiografia do protagonista (Tb 1,3-3,6) (BRENTON, 1851/2003, p. 23-25; BÍBLIA Sagrada, 1821/1979, p. 393-394). Além disso, na tradução de São Jerônimo, tanto o pai como o filho se chamam Tobias.

²⁷ ROST, 2004, p. 55.

²⁸ PADRES Apostólicos, 1995, p. 144.



da Assíria²⁹ (Tb 1,15) e a descrição das cidades de Ecbátana e de Rages³⁰ (Tb 5,6). Tal liberdade narrativa, porém, não quer dizer que o autor não tenha se inspirado em fatos reais, como alguma tradição oral ou algum registro de família, mas que teve como objetivo principal escrever uma obra histórico-sapiencial, repleta de ensinamentos morais; além de mostrar, na história de Tobit, os cuidados paternos que o Deus de Israel tem para com os que praticam o bem.

3.3 Eclesiástico

Em grego, o livro tem como título *Sabedoria de Jesus, filho de Sirac*.³¹ Na tradição latina, é conhecido como *Ecclesiasticus*, o livro ‘da Igreja’ ou ‘da assembleia’.³² É uma obra de reflexões sapienciais, conselhos e regras de conduta, que identifica a sabedoria com a Lei de Moisés, o “livro da Aliança” (Eclo 24,23). O autor conhece muito bem a Lei, os Profetas e os Escritos, e tem grande respeito pelas tradições de Israel.

Quanto à data de composição, o autor, que viveu provavelmente em Jerusalém (Eclo 50,27), escreveu o livro em hebraico, por volta de 190 a.C.³³ Outra evidência é que ele parece ter conhecido Simão, o sumo sacerdote (Eclo 50,1-21), que faleceu após 200 a.C.³⁴ Portanto, o livro é anterior à perseguição de Antíoco Epífanes e da consequente resistência dos Macabeus. Ademais, o neto do autor, quando foi morar no Egito, traduziu o livro para o grego (“no trigésimo oitavo ano do rei Evergetes,” conforme ele informa no prólogo, data que corresponde ao ano de 132 a.C.),³⁵ versão adotada pelos judeus de Alexandria.

Embora a Bíblia hebraica não tenha acolhido o livro, os rabinos o estimavam. O que comprova isso são os fragmentos de manuscritos

²⁹ Senaquerib (705-681 a.C.) aparece no texto como sucessor imediato de Salmanasar V (726-722 a.C.), omitindo-se o reinado de Sargon II (722-705 a.C.) (KASCHEL; ZIMMER, 2005, p. 141 e 143-144).

³⁰ Diz o relato que, entre Ecbátana e Rages, são dois dias de caminhada, porém, as duas cidades estão a uns 300 km longe uma da outra (BÍBLIA de Jerusalém, 2002, p. 661-662).

³¹ BRENTON, 1851/2003, p. 74 e 120.

³² WEBER, Robert; GRAYSON, Roger. *Biblia Sacra iuxta Vulgatam Versionem*. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1969/2007. p. 1029.

³³ ROST, 2004, p. 63.

³⁴ BÍBLIA de Jerusalém, 2002, p. 1141.

³⁵ BÍBLIA de Jerusalém, 2002, p. 1144; ROST, 2004, p. 63.



em hebraico que foram recuperados em descobertas arqueológicas: uns datam da Idade Média, e os mais antigos saíram de Qumran.³⁶ São Jerônimo também conheceu o texto na língua original, mas não o traduziu; o Eclesiástico da Vulgata provém da *Vetus Latina*.³⁷ Apesar disso, as primeiras gerações cristãs, que utilizavam a tradução grega, o estimavam muito, pois na literatura patrística se encontram referências ao livro.³⁸

3.4 Primeiro e Segundo livro dos Macabeus

Os livros receberam o título de *Macabeus* I e II por causa de Judas, “cognominado Macabeu” (1Mc 3,1), protagonista do livro, que libertou os judeus da opressão estrangeira. O apelido é de origem hebraica e significa ‘martelo’, e foi primeiro aplicado a Judas, por sua coragem, depois, a seus irmãos. A perseguição tem início quando Antíoco IV Epífanes, rei da Síria (175-163 a.C.), da dinastia dos Selêucidas, tenciona estabelecer uma cultura que unifique todos os povos do império: os costumes e valores gregos.³⁹ Quem não aderisse aos costumes estrangeiros seria perseguido e morto (2Mc 6,9). Desse modo, os povos dominados corriam o risco de perder a própria identidade cultural.

Como a Palestina também pertencia aos domínios do rei, muitos judeus aderiram aos costumes helênicos; outros continuaram fiéis à Lei de Moisés, como Judas e sua família (2Mc 8,1). Vários exemplares dos livros sagrados foram destruídos por ordem do rei: “Quanto aos livros da Lei, os que lhes caíam nas mãos eram rasgados e lançados ao fogo. Onde quer que se encontrasse, em casa de alguém, um livro da Aliança ou se alguém se conformasse à Lei, o decreto real o condenava à morte” (1Mc 1,56-57).⁴⁰ Então, diversas batalhas foram empreendidas com o objetivo de libertar os judeus da opressão e, sobretudo, preservar sua identidade cultural, ou seja, o direito de viver conforme as tradições de Israel.

O *primeiro livro dos Macabeus* expõe os fatos ocorridos desde que Antíoco Epífanes subiu ao trono da Síria (175 a.C.) até a morte de

³⁶ Cf. VERMES, Geza. *Os manuscritos do Mar Morto*. Tradução de Júlia Bárány Bartolomei e Maria Helena de Oliveira Tricca. 4. ed. ampl. rev. São Paulo: Mercuryo, 2005.

³⁷ WEBER; GRYSO, 1969/2007, p. LI (prefácio).

³⁸ Cf. Referências: PADRES Apostólicos, 1995; IRENEU DE LIÃO, 1995; EUSÉBIO DE CESAREIA, 2000.

³⁹ KASCHEL; ZIMMER, 2005, p. 104.

⁴⁰ BÍBLIA de Jerusalém, 2002, p. 721.



Simão, irmão de Judas, e o início do governo de João Hircano (134 a.C.). O autor, um judeu da Palestina, escreveu em hebraico (c. 100 a.C.), e procurou seguir o estilo das antigas crônicas de Israel. O texto original se perdeu; conservou-se por meio das traduções grega e latina.⁴¹

Já o *segundo livro dos Macabeus* não é a continuação do primeiro, como aparenta, é um pouco mais antigo, e abrange os acontecimentos situados entre 180 e 161 a.C., quer dizer, dos últimos anos de Selêuco, predecessor de Antíoco, até a derrota do exército de Nicanor, pouco antes da morte de Judas Macabeu, o herói do livro. O autor, desconhecido, era um judeu da Palestina, que destinou o livro aos seus correligionários de Alexandria, motivo pelo qual escreveu diretamente em grego (c. 124 a.C.). É um resumo da obra de Jasão de Cirene,⁴² hoje perdida, de cinco volumes (2Mc 2,23), escrita pouco depois de 160 a.C.⁴³ As duas cartas copiadas no início do livro são também destinadas aos judeus de Alexandria pela comunidade judaica da Palestina (2Mc 1,1-10a; 1,10b-2,18).

Os dois livros, embora tratem de acontecimentos importantes da história judaica, não foram acolhidos pelos judeus da Palestina, pois foram escritos muito tempo depois de Esdras. Mas os judeus de Alexandria os liam, e também as primeiras comunidades cristãs.⁴⁴ A epístola aos *Hebreus* (11,35) parece aludir ao martírio do escriba Eleazar (2Mc 6,18-31) e dos sete irmãos e sua mãe (2Mc 7,1-41), que se recusaram a seguir os costumes pagãos. Flávio Josefo, em *Antiguidades Judaicas*, faz referência ao primeiro livro dos Macabeus, mas parece desconhecer o segundo.⁴⁵ Fílon de Alexandria, outro historiador judeu, também conhecia a história dos Macabeus. Por fim, a versão latina de I e II Macabeus que está na Vulgata não é da autoria de São Jerônimo, mas foi recolhida da *Vetus Latina*.⁴⁶

3.5 Daniel (Grego)

Os judeus de Alexandria conservaram tradições sobre o profeta Daniel que não constam na Bíblia hebraica, e que se tornaram conhecidas

⁴¹ BÍBLIA de Jerusalém, 2002, p. 716.

⁴² Cidade grega, na atual Líbia, país situado ao norte da África (Mc 15,21; At 2,10).

⁴³ BÍBLIA de Jerusalém, 2002, p. 717.

⁴⁴ BÍBLIA: tradução ecumênica, 1994, p. 1603.

⁴⁵ BÍBLIA de Jerusalém, 2002, p. 718.

⁴⁶ WEBER; GRYSON, 1969/2007, p. LI (prefácio). A *Vetus Latina*, anterior à Vulgata de São Jerônimo, é a 'Antiga [Versão] Latina' dos textos bíblicos (MORAES, 2014, p. 31).



por meio da Septuaginta e da tradução grega de Teodocião.⁴⁷ São Jerônimo também as traduziu para o latim.⁴⁸ Ei-las a seguir:

1. *A Oração de Azarias* e o *Cântico dos três jovens*, peças poéticas inseridas entre Dn 3,23 e 24, quando os soldados caldeus lançaram os companheiros de Daniel na fornalha, pois os jovens não se prostraram diante da estátua de ouro que Nabucodonosor fizera (Dn 3,12).

2. *A História de Susana* (Dn 13), uma mulher bela e piedosa, da comunidade judaica exilada em Babilônia, que é condenada injustamente à morte por dois juízes corruptos. O jovem Daniel, porém, comprovando a inocência da moça, desmascara os juízes criminosos em público, libertando Susana da lapidação.

3. *Bel e o Dragão* (Dn 14): Daniel, já crescido, é o braço direito de Ciro, rei da Pérsia, que conquistou Babilônia. Ao comprovar que o deus Bel é apenas uma estátua sem “sopro de vida” (Gn 2,7; Sl 135/134,15-17), e que o Dragão que os babilônios adoram não é imortal, Daniel é condenado pela segunda vez à cova dos leões, que miraculosamente não o devoram. Nesse ínterim, um anjo do Senhor transporta o profeta Habacuc, que está na Judeia, até Babilônia, a fim de levar alimentos para Daniel. Uma semana depois, o rei descobre que Daniel ainda vive. Então, tomado de alegria, Ciro rende louvores ao Deus de Daniel e castiga os inimigos do profeta na cova dos leões.

Quanto à língua de composição desses acréscimos deuterocanônicos, tudo o que se pode concluir é que, além das tradições acerca de Daniel que se conservaram em hebraico e aramaico, outras se conservaram em grego, na Mesopotâmia ou na Palestina, como registros de uma tradição oral, e foram acrescentadas ao livro canônico, entre os séculos II e I a.C.

3.6 Judite

A narrativa apresenta-nos Judite, ‘a judia’, uma jovem e piedosa viúva que, durante o cerco da cidade de Betúlia, ameaçada por um poderoso exército estrangeiro, arrisca sua própria vida para livrar seus concidadãos. No acampamento inimigo, Judite, sapientemente, sem

⁴⁷ BETTENCOURT, Estêvão. *Curso bíblico Mater Ecclesiae*. Revisão de Maria de Lourdes Corrêa Lima. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2011. p. 29. Teodocião, prosélito judeu de cultura grega, traduziu os livros do Antigo Testamento para o grego. Seu trabalho literário é do século II d.C.

⁴⁸ BÍBLIA Sagrada, 1821/1979, p. 756-758 e 769-771.



comprometer sua integridade, consegue seduzir o general Holofernes, que é decapitado durante o sono. De volta à cidade, Judite reúne todo o povo na praça e mostra-lhe a cabeça do inimigo. O povo, agora encorajado, ataca o acampamento estrangeiro. Desesperados com a morte de seu general, os soldados assírios acabam fugindo. Com a vitória, os habitantes de Betúlia seguem para Jerusalém, cantando louvores ao Deus de Israel.

O livro, que narra a libertação dos judeus da opressão estrangeira por intermédio de uma mulher, foi escrito em hebraico, na Palestina, no fim do século II a.C., depois da resistência dos Macabeus, ou no início do século I a.C.⁴⁹ O texto original hebraico se perdeu; preservaram-se traduções, como a de São Jerônimo e o texto grego da Septuaginta.⁵⁰ Embora o cânon hebraico não tenha acolhido o livro, os judeus de Alexandria o liam, e as primeiras comunidades cristãs também. Clemente de Roma, em sua *Carta aos coríntios* (c. 95-96 d.C.), cita a história de Judite e a de Ester como exemplo de fé e coragem.⁵¹

Ademais, a narrativa expõe alguns dados históricos e geográficos anacronicamente, ao dizer que Nabucodonosor “reinou sobre os assírios em Nínive” (Jt 1,1), e que os acontecimentos se passam na cidade de Betúlia (7,1), pouco tempo depois que os judeus regressaram do exílio (5,19). Ora, Nínive, a grande cidade (Jn 3,3), foi destruída por Nabopolassar, rei da Babilônia, em 612 a.C., e seu filho Nabucodonosor reinou de 605 a 562 a.C.; Nínive, portanto, era um montão de ruínas quando os judeus retornaram do exílio (538 a.C.); e a cidade de Betúlia, assim como outros nomes geográficos, são desconhecidos.⁵² Há também uma alusão a respeito de um costume grego, quando Judite e suas companheiras coroam-se com folhas de oliveira (Jt 15,13).

Enfim, parece que o objetivo primordial do enredo é expor aos leitores algo consolador, quando a Judeia estava sendo dominada por uma potência estrangeira, algo que encorajasse o povo. Isso não dispensa a possibilidade de o autor ter se inspirado em fatos reais, que hoje não podemos mais identificar com exatidão. Assim, o exemplo de Judite demonstra que problemas aparentemente insolúveis podem ser resolvidos quando os oprimidos se rendem aos cuidados do Deus de Israel, como se canta no Salmo 46 (ou 45).

⁴⁹ BÍBLIA Sagrada, 1821/1979, p. XIII (introdução).

⁵⁰ BÍBLIA Sagrada, 1821/1979, p. 402-412; BRENTON, 1851/2003, p. 35-55.

⁵¹ PADRES Apostólicos, 1995, p. 62.

⁵² BÍBLIA de Jerusalém, 2002, p. 662.



3.7 Baruc

Baruc, o escriba, era um homem erudito, de família nobre. Foi ele quem escreveu o livro do profeta Jeremias, que lhe ditou palavra por palavra (Jr 36,4). Contudo, o livro atribuído a Baruc não faz parte da Bíblia hebraica, mas os judeus de Alexandria o liam, e também as primeiras comunidades cristãs. Ireneu de Lião, em sua obra *Contra as heresias*, cita as palavras de Br 4,36-5,9, atribuindo-as a Jeremias.⁵³ Isso evidencia um antigo costume, de que na LXX o livro do profeta, o de *Baruc*, as *Lamentações* e a *Carta* eram copiados no mesmo rolo. A tradução latina do livro de Baruc não é da lavra de São Jerônimo, mas se originou da *Vetus Latina*.⁵⁴

A obra é composta por gêneros literários diferentes, como uma introdução histórica (Br 1,1-14), um texto em prosa (1,15-3,8) e outro em poesia (3,9-5,9). As palavras iniciais dizem que Baruc escreveu o livro em Babilônia. Após fazer a leitura perante os exilados, remeteu-o a Jerusalém para consolar o restante dos compatriotas. Segundo os autores modernos, essa atribuição do livro ao escriba é um artifício literário, e os textos provêm de um autor desconhecido, que os compilou em meados do século I a.C.⁵⁵

Portanto, o objetivo do autor é preservar a memória histórica de Israel e descrever as condições em que viviam os judeus dispersos pelo mundo. Um detalhe que evidencia a língua original do livro, o hebraico, que se conservou por meio das traduções grega, siríaca e latina,⁵⁶ é a recomendação de que este seja lido no Templo e nas festas (Br 1,14). Ao escriba Baruc também é atribuído um apocalipse.⁵⁷

3.8 Carta de Jeremias

Este pequeno escrito, ausente na Bíblia hebraica, mas presente na Septuaginta, que o situa após as *Lamentações de Jeremias*, é uma carta

⁵³ IRENEU DE LIÃO. *Contra as heresias* (livros I, II, III, IV, V). Tradução de Lourenço Costa. São Paulo: Paulus, 1995. p. 613-614. (Coleção Patrística, vol. 4).

⁵⁴ WEBER; GRYSO, 1969/2007, p. LI (prefácio).

⁵⁵ BÍBLIA de Jerusalém, 2002, p. 1242.

⁵⁶ ROST, 2004, p. 65.

⁵⁷ Cf. APÓCRIFOS e Pseudoepígrafos da Bíblia. Tradução e revisão de Cláudio J. A. Rodrigues. São Paulo: Editora Cristã Novo Século, 2004.



atribuída ao mesmo profeta, na qual o autor adverte os compatriotas exilados em Babilônia a respeito da ilusão do culto aos ídolos pagãos (Br 6,2-3). O texto é independente, porém, a Vulgata o anexou a *Baruc*, constituindo o sexto capítulo do livro.⁵⁸ O autor é desconhecido, segundo os pesquisadores, que acreditam que a carta foi escrita em hebraico, entre os séculos IV e II a.C.⁵⁹ Além disso, o segundo livro dos *Macabeus* a menciona (2Mc 2,1-3), e um pequeno fragmento em grego foi descoberto nas proximidades do Mar Morto.⁶⁰

3.9 Sabedoria

Nos manuscritos gregos, a obra é chamada de *Sabedoria de Salomão*, e nos manuscritos latinos, *Livro da Sabedoria*.⁶¹ Conquanto o autor se identifique como Salomão (Sb 7,1-21), a atribuição do livro a esse rei é apenas um artifício literário, e o texto foi redigido diretamente em grego, ao redor do ano de 50 a.C.⁶²

Há evidências de que o autor tenha vivido em Alexandria, pois cita as Escrituras conforme a LXX e conhece a filosofia grega (Sb 11,17; 14,3 etc.). Entretanto, ele não é um filósofo, e sim um sábio israelita, que conhece muito bem a Lei de Moisés, e escreve aos seus compatriotas judeus a fim de preservar as tradições de Israel em terra estrangeira.

Enfim, os judeus da Palestina não acolheram o livro, pois não foi escrito em hebraico, a língua dos antepassados. Apenas os judeus de cultura grega e as primeiras comunidades cristãs o receberam. Há várias citações dele na literatura cristã dos primeiros séculos.⁶³ A versão latina de Sabedoria, que está na Vulgata, não é obra de São Jerônimo, mas provém, assim como o Eclesiástico, Baruc e I e II Macabeus, da *Vetus Latina*.⁶⁴

⁵⁸ BÍBLIA Sagrada, 1821/1979, p. 705-707.

⁵⁹ BÍBLIA: tradução ecumênica, 1994, p. 1828.

⁶⁰ BÍBLIA de Jerusalém, 2002, p. 1242.

⁶¹ BRENTON, 1851/2003, p. 56; WEBER; GRYSON, 1969/2007, p. 1003.

⁶² BÍBLIA de Jerusalém, 2002, p. 2181.

⁶³ Cf. EUSÉBIO DE CESAREIA. *História eclesiástica*. Tradução das monjas beneditinas do mosteiro de Maria Mãe de Cristo. São Paulo: Paulus, 2000. (Coleção Patrística, vol. 15).

⁶⁴ WEBER; GRYSON, 1969/2007, p. LI (prefácio).



4 Considerações finais

Em virtude dos fatos observados até agora, conclui-se a importância deste estudo pelas seguintes razões: alguns autores, quando tentam recontar a história do Período Intertestamentário, não tomam em consideração os livros deuterocanônicos só porque os têm como apócrifos; depois, no Brasil, ao contrário de outros países, quase não existem obras que abordam essa página tão pouco conhecida da história de Israel; as informações estão dispersas e fragmentadas.

Segundo Flávio Josefo,

*Escreveu-se também tudo o que se passou desde Artaxerxes até nossos dias, mas como não se teve, como antes, uma sequência de profetas, não se lhes dá o mesmo crédito, que aos outros livros, de que acabo de falar e pelos quais temos respeito, que ninguém foi tão atrevido para tentar tirar ou acrescentar, ou mesmo modificar-lhes a mínima coisa.*⁶⁵

Esse argumento do historiador judeu é usado por alguns autores contra os livros deuterocanônicos. Todavia, esses livros do Antigo Testamento descrevem páginas importantes da história de Israel (sobretudo I e II Macabeus, que registram as perseguições religiosas que os judeus sofreram por se recusarem a adotar os costumes pagãos), e a Igreja antiga os tinha como inspirados. Tal fato pode ser confirmado vasculhando-se a literatura cristã dos primeiros séculos, na qual as referências aos livros deuterocanônicos, como Sagrada Escritura, são numerosas, como já foi dito anteriormente. Portanto, não é correto dizer, como fazem alguns autores, que, durante o Concílio de Trento, no século XVI, livros apócrifos foram inseridos na Bíblia.⁶⁶

Ademais, esses livros, presentes nos manuscritos da Septuaginta e da Vulgata – testemunho de que eram lidos e acolhidos desde séculos –, também foram incluídos em traduções da Bíblia feitas no decorrer da Reforma protestante, como a castelhana de Reina-Valera, de 1569/1602, muito popular nos países de língua espanhola, e a famosa *King James*

⁶⁵ JOSEFO, 1956/1999, p. 1480.

⁶⁶ ONIPOTENTE.ORG. *História da Igreja Cristã Primitiva*. Dados cronológicos do século XVI. Disponível em: <<http://onipotente.org/historia/igreja/seculo16.htm>>. Acesso em: 10 maio 2020.



Version, de 1611, um clássico da literatura inglesa.⁶⁷ Martinho Lutero também os traduziu para o alemão.⁶⁸ Desse modo, os deuterocanônicos constavam nas edições impressas do texto bíblico até que, a partir de 1861, as sociedades bíblicas europeias decidiram que não seriam mais impressas edições da Sagrada Escritura que contivessem qualquer ‘livro apócrifo’.⁶⁹

Por conseguinte, os livros deuterocanônicos do Antigo Testamento contêm um considerável número de informações sobre a história de Israel, os costumes judaicos e o pensamento teológico do Período Intertestamentário, que é tão pouco estudado. Como exemplo, podemos destacar a crença na ressurreição, expressa claramente nos livros de Daniel (12,2) e de II Macabeus (7,9). Assim, a produção teológico-literária do Período Intertestamentário – representada principalmente pelos deuterocanônicos – deve ser tomada em consideração quando tentamos reconstituir os acontecimentos que se deram nos últimos séculos antes da Era Cristã, fatos que lavraram o terreno onde a semente do Evangelho foi plantada.

Referências

APÓCRIFOS e Pseudoepígrafos da Bíblia. Tradução e revisão de Cláudio J. A. Rodrigues. São Paulo: Editora Cristã Novo Século, 2004.

BÍBLIA de Estudo Plenitude. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e Corrigida, edição de 1995. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2001.

BÍBLIA de Jerusalém. Tradução do texto em língua portuguesa diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Nova edição, revista e ampliada.

BÍBLIA Sagrada. Traduzida em português segundo a Vulgata Latina pelo Pe. Antônio Pereira de Figueiredo. Erechim, RS: Edelbra, 1821/1979.

BÍBLIA: tradução ecumênica. Edição em língua portuguesa. São Paulo: Loyola, 1994.

⁶⁷ Cf. THE HOLY Bible. Authorized King James Version of 1611. Oxford: University of Oxford, 1833. An exact reprint page for page.

⁶⁸ ROST, 2004, p. 22.

⁶⁹ Cf. LA SANTA Biblia: Antiguo y Nuevo Testamentos. Antigua versión de Casiodoro de Reina (1569), revisada por Cipriano de Valera (1602). Brasil: Sociedades Bíblicas Unidas, 1998. Revisión de 1960, con referencias.



BETTENCOURT, Estêvão. Curso bíblico Mater Ecclesiae. Revisão de Maria de Lourdes Corrêa Lima. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2011.

BRENTON, Lancelot Charles Lee. *The Septuagint with Apocrypha* (Greek and English). United States of America: Hendrickson Publishers, 1851/2003.

CONCISO dicionário bíblico. Por diversos autores norte-americanos e ingleses. Traduzido e ampliado por D. Ana e Dr. S. L. Watson. 12. ed. Rio de Janeiro: IBB, 1983.

EUSÉBIO DE CESAREIA. *História eclesiástica*. Tradução das monjas beneditinas do mosteiro de Maria Mãe de Cristo. São Paulo: Paulus, 2000. (Coleção Patrística, vol. 15).

FRAGMENTOS dos Evangelhos Apócrifos. Tradução, organização e notas de Lincoln Ramos. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992. (Coleção Bíblia Apócrifa, vol. 2).

IRENEU DE LIÃO. *Contra as heresias* (livros I, II, III, IV, V). Tradução de Lourenço Costa. São Paulo: Paulus, 1995. (Coleção Patrística, vol. 4).

JEROME: Letters and Select Works. Edited by Philip Schaff and Henry Wace. USA: Hendrickson Publishers, 1893/1995. (Nicene and Post-Nicene Fathers, 2nd series, vol. 6).

JOSEFO, Flávio. *História dos hebreus*. Tradução do Pe. Vicente Pedroso. 5. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1956/1999. (Obra completa).

KASCHEL, Werner; ZIMMER, Rudi. *Dicionário da Bíblia de Almeida*. 2. ed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2005.

KEYES, Nelson Beecher. *História ilustrada do mundo bíblico*. Tradução de João Távora. Rio de Janeiro: Seleções do Reader's Digest, 1962.

LA SANTA Biblia: Antigo y Nuevo Testamentos. Antigua versión de Casiodoro de Reina (1569), revisada por Cipriano de Valera (1602). Brasil: Sociedades Bíblicas Unidas, 1998. Revisión de 1960, con referencias.

MORAES, Nirio de Jesus. *A Oração de Manassés: trajetória na cultura judaico-cristã e tradução*. 2014. 45 pp. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Letras) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.



ONIPOTENTE.ORG. *História da Igreja Cristã Primitiva*. Dados cronológicos do século XVI. Disponível em: <<http://onipotente.org/historia/igreja/seculo16.htm>>. Acesso em: 10 maio 2020.

PADRES Apostólicos: Clemente de Roma, Inácio de Antioquia, Policarpo de Esmirna, o Pastor de Hermas, Carta de Barnabé, Pápias de Hierápolis, Didaqué. Tradução de Ivo Storniolo e Euclides M. Balancin. São Paulo: Paulus, 1995. (Coleção Patrística, vol. 1).

PILETTI, Nelson; PILETTI, Claudino. *História e Vida: da Pré-História à Idade Média*. 19. ed. São Paulo: Ática, 1997. (Vol. 3).

ROST, Leonard. *Introdução aos livros apócrifos e pseudoepígrafos do Antigo Testamento e aos manuscritos de Qumran*. Tradução de Mateus Ramalho Rocha. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2004. (Nova Coleção Bíblica, vol. 3).

THE HOLY Bible. Authorized King James Version of 1611. Oxford: University of Oxford, 1833. An exact reprint page for page.

VERMES, Geza. *Os manuscritos do Mar Morto*. Tradução de Júlia Bárány Bartolomei e Maria Helena de Oliveira Tricca. 4. ed. ampl. rev. São Paulo: Mercury, 2005.

WEBER, Robert; GRYSON, Roger. *Biblia Sacra iuxta Vulgatam Versionem*. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1969/2007.